



Visado pela Censura do Porto — OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — Ano V — N.º 107 — Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Gaiato — PAÇO DE SOUSA — Director e Editor: — Padre Américo — 3 de Abril de 1948 — Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 625-Porto — Vales do Correio para CETE

Outra vêz na Emissora Nacional

Já que me deixam, eu cá aproveito. Seria um pecado de omissão, se assim não fizesse. E' preciso abrir o sepulcro de Jesus e mostrá-Lo ao vivo e prega-Lo ressuscitado, não venhamos nós a sepultar as nossas obras. Por isso eu vou apenas me chamam. Eu apareço. Estão, em regra, outros senhores isolados e grupos de senhores. Musica, Poesia, Arte. Tudo espera ali a sua vez e têm vez. Eu também.

Já vou indo melhorsinho. A's primeiras, gaguejava! Espero chegar à perfeição, com a continuação. Ora queiram lêr:

«A Criança é um ser que nos merece tanto, que por muito e muito que dela se fale, é sempre muito mais o que fica por dizer. E' uma fonte graciosa e inexgotável. Há um rôr de anos que nos vimos ocupando a revelar aos homens de boa vontade, toda a sua riqueza. A creança dos caminhos. A do tostão. Aquela que procura carinhos e deseja ser amada. E' esta justamente a que nós revelamos, por ser justamente a que melhor conhecemos, — e é desconhecida!

Nós podíamos ser simplesmente o prégador de uma doutrina, e já isso era muito, mas não. Nós vamos mais longe. Nós abrigamos e mantemos e educamos no amor de família as creanças sem família. O rapaz sujo, o malcreado, o repelente, o vicioso; aquele que não tem no mundo quem por êle se interesse, — eis o nosso rapaz. Esse pertence à nossa família. Nunca se levantou obra em Portugal que tanto tenha feito chorar e tremer! Porquê? Nada de especial. Nada estudado nem premeditado. Damos à creança o que ela merece e está tudo dito. Que ela fale à vontade. Que apanhe flores nos campos. Que ameigue os animais domésticos. Que beba leite por taças, coma pão às fatias, tenha meza zssiada, cama bem feita, conselhos a tempo, — tudo isto são bens seus e ela tudo merece. Quem ajudar a saldar esta dívida, é feliz. Um povo que trabalhe seriamente por tirar da lama das ruas as crianças que ali se sujam, esse povo lava-se. E' preciso que nenhum de nós tenha paz enquanto houver crianças a dormir nos beirais. Aqui há tempos chegaram a uma das nossas casas dois farrapões com uma carta na mão. Um senhor tinha dado com estes dois rapazes enregelados, no portal da casa onde dormira e ficou por tal forma impressionado, que tudo quanto na carta me disse, eram o frio e a fome e o desconforto que êle sentia no peito, fazendo assim suas as amarguras daqueles desditosos. Aqui temos um exemplo de como nos havemos de portar para com a criança de terras de ninguém. E' a lição do bom samaritano que se perpétua através dos séculos. Jesus Cristo é de hoje. Todo aquele que passa sem fazer caso, que nunca ergueu do caminho uma criança que chora, que não chora êle mesmo por não as poder levantar todas; — esse, quem quer que seja, qualquer posição que tenha, por maior opinião que disfrute, esse, digo, ainda não ouviu a lição do Mestre e se o fez não a compreendeu. E' um vegetariano. Vegeta. Não vive. Não é discípulo de Jesus.

Nós não vamos dizer a ninguém que as Casas do Gaiato, são uma obra perfeita. Nada daquilo que é realizado por homens, pode ser coisa perfeita. Tem necessariamente de levar o carimbo da casa e êste é justamente a sua imperfeição. Daqui nascem os erros que se repe-

tem, e quando não fazemos os dos outros, temos os nossos por nossa conta. Quantos homens de idade não gostariam de recomeçar a vida, para seguirem por outro caminho a praticar outros erros...! Somos imperfeitos. Esta qualidade do homem sentida por êle mesmo, é uma força que o equilibra e o leva a ser manso, a ser humilde e a não julgar os mais. Sim. Nós somos imperfeitos. Falando-se agora desta nossa Obra que se chama da Rua e é por natureza para servir os rapazes da Rua, como poderia ela ser perfeita, se é composta, de princípio, por elementos da rua? — Como?! Há-de necessariamente haver muitas e muitas deficiências. Não se pode esperar que cada um dos nossos dê boa conta de si. Por isso nmesmo nos contentamos com um mínimo. Números mínimos. Progressos mínimos. Exemplo. Fui há dias chamado para acudir a uma desordem em Miranda. O rapaz de quem se tratava era dos maiores. São idades muito difíceis para eles e para nós. *Filhos creados, trabalhos dobrados* nós escolhemos estes trabalhos, para fazermos obra completa. Pois bem. Uma vez na casa aonde houvera o barulho e quando ia a entrar na quinta, vejo em pleno campo, vergado sobre uma enxada o nosso turbulento. Andava sozinho, verdadeiramente ocupado, muito contente. Com êste esforço do rapaz me contentei. Pelo trabalho voluntário, há-de êle corrigir-se a seu tempo. Não podemos obrigá-lo a mais. Não puxemos demasiadamente pelo fiado, que a teia pode quebrar; e estes rapazes são todos fracos, muito fracos!

Imperfeita como é, aonde está a sua originalidade e o seu rendimento social?! Aonde? No espírito que a informa. Espírito cristão. O Evangelho. Nós servimos. Nós somos servos dos rapazes que nos procuram. Para êles o melhor. Pois se tudo quanto nos dão é por amor deles, como não havemos de assim praticar? Quando há tempos alugamos uma casa na cidade do Porto para ser o Lar da Obra, foi ali um dos nossos orientadores escolher a designar aposentos. As melhores salas para êles. Escolheu bem. Nós somos os servos. Mas não haverá perigos de abusos? Não subirá o sapateiro acima da tamanca? Não sobe. Não há perigos. E' o Evangelho. O que afasta os homens não é o amor. O que os divide não é o espírito do Evangelho. Tanto mais êles nos amam quanto mais se sentem amados. Assim é que é. Nós somos os servos.

Os Cesares dominam e exercem o poder sobre os seus vassallos. Está assim determinado. E' o espírito do mundo. Nós observamos o panorama e colhemos os frutos deste sistema. Porém os que são de Cristo, fazem como Ele fez e ensinou.

Nem pela força, nem pelo Poder. Dominar não. Servir. Aquele de entre os mortais que quizer ser verdadeiramente grande, êsse faça-se servo e sirva os seus. E' este precisamente o espírito da nossa obra. Se procurássemos dominar os nossos rapazes, também êles haviam de procurar, pelos seus meios, fugir ao domínio. Assim, se às vezes algum nos foge, quasi sempre regressa. E todos se prendem por si mesmo numa casa sem prisões. Um dos ultimos que quis fugir, passou por um grupo dos seus companheiros, que trabalhavam no campo. Um deles levanta a voz e diz-lhe que não tardaria muito que o não tornassem a ver na aldeia. Pois assim foi. Não tardou muito. Nessa mesma noite, à hora do

terço, o fugitivo estava de mãos postas fóra da porta da capela, rezando, sim, mas sem se atrever a entrar; e nunca mais fugiu.

Lisboa tem respondido às nossas necessidades com a recente fundação da Casa do Gaiato de Lisboa. Tem marcado presença. Tem assinado o nosso famoso quinzenal. Depois da Igreja de de Fátima, tivemos já ocasião de pedir em S. Domingos e outras igrejas se hão-de seguir. O povo prende-se, chora e dá. Muitos, atribuem a jeito pessoal o êxito destes peditórios. Não sabem o que dizem. São conceitos superficiais. A medida de superfície é a mais fácil de tirar, sim, mas não é ela que fornece a verdadeira grandeza dos corpos. A altura, sim. O segrêdo está na profundidade das coisas. Lisboa quer ajudar porque quer amar. Se alguém sustentar dúvidas sobre qual será, entre tantas, a verdadeira religião, tem aqui a prova rial. E' a religião cristã. E' o cristianismo aplicado. Aonde figurar êste espírito, aí a verdadeira revolução das almas. Muitos visitantes dos que veem às nossas aldeias, choram de alegria, só por verem o ar alegre dos seus habitantes. E' a comunicação do amor. Não é necessário pedir-lhes nada; êles é que dão. Aonde o segrêdo? O Evangelho. O espírito de Jesus Redentor. Aqui há tempos um dos nossos cicerones de uns 8 anos de idade, conduziu uma família à capela. Entram pela sacristia. O pequenino aponta um crucifixo que ali temos sobre a meza e explica que aquele é Jesus crucificado. Os visitantes escutam e êle vai dizendo que tem muita pena de o vêr assim, e que se êle estivesse vivo havia de lhe tirar os cravos. Aqui está a essência da nossa Obra. A criança conhece Jesus. Conhece Jesus Crucificado. E' tratada segundo os preceitos do Evangelho; não dominamos, servimos. E daqui nasce que, sendo em tudo e por tudo uma Obra humana, o povo tem-na como divina e não se cansa de a amar».

UM CASO IMPORTANTE

De importante que é, destaca-se do costumeado título do que nós necessitamos para virmos aqui dizer em maiusculas, que temos necessidade de uma tipografia. Ter necessidade quer dizer obter. A nossa obra avança e nós temos de a seguir na mesma cadência. Só a tiragem do famoso justificava o nosso pedido, mas há outras razões de mais peso:—Dar trabalho. Garantir profissões. Interessar o mundo português.

O primeiro passo que se deu, foi trazer para cá uma central eléctrica. Já temos a cabine. Inaugurou-se a luz um dia destes, silenciosamente. Gosto do silêncio. Depois, hei-de contar de como veio até nós êste importantissimo melhoramento. O segundo passo que se deu, foi a implantação de um moinho. Além de forneiro, terá o Rio Tinto mais a obrigação de moleiro. O que nós queremos é ver rapazes a trabalhar. O terceiro passo que se está dando, são os teares. Rapazes tecelões.

Trabalho, trabalho, trabalho. Chamar rapazes à responsabilidade das suas obrigações. Fortalecer a consciência de forma a pode-

Notícias do Lar dos ex-Pupilos A nossa desobriga pascal

Entramos na Quaresma—altura mais propicia para interrogarmos, por meio de um exame introspectivo, a nossa consciência sobre a origem, o caminho e o destino de nossas vidas.

Andamos carregados com o peso das nossas angústias, dos nossos egoísmos, de tudo quanto nos empobrece o espirito, e há necessidade imperiosa de nos desembaraçarmos dessa carga que, quanto mais pesada, mais nos afunda no abismo das nossas inquietações e misérias.

Temos, por isso, de renovar, de quando em quando, a terapêutica da nossa doença interior, purificando-nos com o pão da vida eterna, afim de nos erguermos do abismo das trevas e caminharmos ao encontro da verdadeira Luz.

Segundo a feliz imagem do nosso P.º Manuel, há em nós um cavaleiro e uma montada. O cavaleiro é a nossa alma e a montada o nosso corpo. Na vida prática, por mais destros e hábeis que sejam os cavaleiros, estes não estão isentos de quedas. Assim a nossa alma em relação ao corpo. Cai e há-de continuar a cair, até que um dia se liberte para a eternidade. Mas estão ao nosso alcance os meios para evitarmos, tanto quanto possível, a repetição frequente dessas quedas nas contingências da vida.

Ponhamos de parte, por momentos, as tarefas e fadigas de Marta, para estarmos com Maria aos pés de Cristo em meditação e rejúbilo interiores.

Foi o que fizemos durante a nossa desobriga. Excedeu tudo quanto havia sido previsto! Cada um de nós se compenetrou verdadeiramente da sublimidade e grandeza do acto.

Durante dois dias tivemos conferências preparatórias pelo sr. P.º Póvoa dos Reis, que, com sacrifício, veio até nós trazer-nos palavras de verdadeiro pai espiritual. Com exemplos naturais, acessíveis à compreensão de todos, elucidou-nos claramente sobre a premente necessidade de banharmos a nossa alma com o sangue de Cristo, limpando-a das fraquezas humanas. Antes, como quem faz as malas para uma viagem, devíamos ir ao confessor, vendo nele, não o homem da nossa natureza com as mesmas imperfeições, mas o representante de Deus no tribunal da penitência. Só depois é que poderíamos caminhar até à Mesa Eucarística.

E a nossa comunhão teve lugar no dia 14, na Capela do Asilo da Infância Desvalida. Todos os rapazes corresponderam, cônscios da sua dignidade de cristãos, sem pieguices mas cheios de virilidade. O acto representou uma verdadeira unidade de fé naquela parada de Amor. Foi sublime! Ultrapassou, em quantidade e qualidade, a festa dos anos anteriores!

Celebrou o nosso P.º Manuel, que fez uma pequenina homília antes do momento solene da comunhão, e as pequenas do Asilo acompanharam com lindos cânticos a órgão.

Comparticiparam da nossa festa os rapazes do Semi-internato e os Gaiatos das colónias de férias de Miranda do Corvo. Tudo em perfeita família.

Ao sr. P.º Póvoa dos Reis, que nos trouxe o calor das suas oportunas palavras; à Madre Superiora do Asilo, que nos facilitou com solicitude todos os pedidos quanto ao arranjo da capela; e a todos aqueles que, directa ou indirectamente, participaram da nossa festa, os nossos sinceros agradecimentos de profunda gratidão.

Oxalá o bem e a alegria que recebemos sejam tão triunfantes como o foi a Ressurreição de Cristo.

H. F.



rem seguir daqui para as fábricas. As Fábricas! Tenho tanto medo daquele: E' proibida a entrada... A Cristo também! E não devia ser assim. Jesus de Nazaré é o Trabalhador número um, de todos os lugares.

Finalmente, a tipografia. Claro está que seria muito mais cómodo fazer o jornal em tipografia extranha, como até aqui tem sido. Seria, sim, mas não é o melhor para a Obra; ora é justamente por este caminho que a gente tem de tomar. Estamos para servir a Obra e não esta para nos servir a nós.

Aqui se lança o apêlo. E' uma máquina rotativa com todo o material e acessórios de uma coisa a valer. Vai ser o pão das nossas obras. Custa algumas centenas de contos, mas espera-se que o fornecedor da maquinaria faça isso por prestações de dez deles por mês. Eu não acredito que me deixem vir embora triste, a quem eu fôr pedir uma prestação—não acredito. Integrar na Nação os seus valores reais, pela garantia de uma profissão honesta; quem se furta a esta obrigação?! Ora vamos a ver.

Aqui, Lisboa

Com um pouquinho de sol, Lisboa, aos domingos, é como uma colmeia a trasbordar. Um dos pontos obrigatórios de visita é, agora, a Casa do Gaiato. Há pessoas que vêm uma, duas, três e mais vezes e trazem sempre novos admiradores.

O nosso amigo Firmino, esse então bate o record. Quase todos os domingos aparece com novas listas de assinaturas, a maioria delas colhidas entre os seus colegas da Junta N. dos Produtos Pecuários. Por lá também desencanta bolas, galinhas e pintos e amigos que para cá encaminha. Os cicerones não têm mãos a medir, mas quem paga as favas sou eu, quando eles se distribuem por Bucelas, Lisboa, Loures e Tojal na venda do famoso.

Tudo vai muito bem quando o visitante entra no refeitório, na cozinha e copa, na dispensa, na escola e nas camaratas. São *às, és e is* de alegria espontânea. «Não havia melhor destino a dar a este palácio, dizem. Mas quando, ao transpôr uma improvisada ponte, se dá de chofre com a igreja, todos se sentem esmagados debaixo de tamanha ruína. O coração estremece. Tenho ouvido as mais acerbas censuras aos críticos da arte—crentes ou descrentes—e os mais doridos lamentos dos pobres salóios da terra. «Isto é desumano e deseducativo!—dizem uns; «que mal fazia a nossa igreja?—dizem outros—ela não pedia pão nem fazia sombra a ninguém!...»

Foi na alma do povo que nasceram estes monumentos. Ele os sonhou, ele os ergueu. Na alma do povo se conserva ainda a mágua de os ver profanados e a esperança de os ver reconstruídos.

Aqui nos arredores de Lisboa, então muito há que fazer porque o vendaval foi maior. Que desolação!

Entre há dias noutro monumento nacional. Sobranceira a um altar, via-se ainda levantada a arte duma cruz. Pegada nela, só pelos pés, pendia de cabeça para baixo, a artística imagem dum Cristo. O Rádio que me acompanhava, saltou ao altar e enquanto repregava a imagem no seu logar ia repetindo compassivo—*O que vos fizeram!* Este quadro é a expressiva figura da alma do povo que parece ter voltado ao estado selvagem. A escola deixou de ser frequentada em multíssimos casos; não há registo de casamentos, nem sequer civil. Não há feriados nem dias-santificados... Contudo, naquele caos, surgiu a figura nobre duma mulher do campo que vai por aí abaixo bater à porta dos Monumentos.

Que tinham lá na aldeia uma linda igreja mas estava a cair. Se eles acudiam... Lá lhe disseram que arranjasse uma subscrição para poder tratar-se da comparticipação.

Passados meses volta aos Monumentos toda satisfeita, com cinco contos que juntara de porta em porta.

—Isso não dá para nada! São precisos 160 contos...

Desta vez voltou a casa desolada: —Ora eu julgava que reparava a igreja e ainda me sobejava dinheiro para um festinha... e afinal!

Isto passou-se há três anos. A chuva tem continuado a cair sobre a abóboda descarnada; perderam-se frescos preciosos e artísticas talhas e ricos paramentos etc., mas vá lá: não foram inúteis as passadas da pobre mulher.

A igreja vai ser restaurada.

Honra seja aos Monumentos! Mas depressa senhores! Não vá à gente constatar mais uma vez a verdade daquela censura que ouvi, em Coimbra, da boca dum velhinho da escola de Machado de Castro. «Andam para aí a levantar monumentos de *paus de sabão* e deixam perder as maravilhas que os nossos avós nos legaram!»

O que não diria este velhote se aqui viesse...

* * *

Esteve aqui ha tempos o Snr. Secretário da Agricultura. Viu a casa, a quinta, as arvores e as minas. —Mande um officio ao Snr. Ministro da Economia a dizer o que pretendem fazer, aconselhou ele!

Assim fiz. Rabisquei duas linhas dizendo que o campo, as aves e os animais, e as arvores eram o melhor auxilio para regenerar os rapazes das ruas de Lisboa e fui entregar o papel no Ministério, ao cónhuo.

A's cinco horas chegava às mãos do Snr. Ministro; às seis, ao Snr. Director Geral; às sete, aos vários pelouros e às nove da manhã seguinte, chegava aqui à porta, para iniciar o estudo dos trabalhos a fazer, uma brigada técnica!

O Carlota foi quem nos trouxe a noticia.

Assinaturas pagas

Estou muito contente porque são em grande numero os que teem dado atenção ao apêlo aqui feito, de *um assinante arranjar um assinante*. Alguns ouvintes teem ido mais longe e mandam listas de nomes, de maneira que o monte cresce, a obra é melhor conhecida e Deus mais glorificado. Sim, porque todo o leitor que tome por obra de um mortal o que se faz e diz nas nossas casas, não sabe ler. Não compreende. Aquêle, porém, que souber pôr as mãos e adorar silenciosamente a Presença de Deus no mundo, esse bebe na fonte. Acredita. E' feliz.

Novamente espevito; torno a acender a luz; continuo a pedir o esforço de todos, até que todos se façam assinantes voluntários. A Boa Nova. O Mensageiro das noticias verdadeiras que verdadeiramente nos interessam. Quantos não ha que esperam o visitante amigo no fim da quinzêna; quantos não teem melhorado com a sua leitura, mudado de opinião, seguido por outros caminhos, aceitado a Luz, e exclamam como os santos tardios—*Senhor Deus, quam tarde te conheci,—quantos, quantos, quantos!*

Quando estou em maiores aflições, é quando escrevo melhor. O tóque mais fundo na alma dos leitores é feito das amarguras da minha. Que quer isto dizer?

Quer dizer que se todos os cristãos andassem bem avisados, em vez de mendigar simpatias para os seus males, haviam de atinar com o caminho da curva:—O Getesêmani!

Espero mais assinantes. Tenho recebido cartas de quem paga o jornal e ao mesmo tempo declara-se devedor à pessoa desconhecida que indicou o seu nome como futuro assinante. Devedor de gratidão, a melhor divida, por ser dóce de cumprir. Pois muito bem. Escolhe hoje. Marca a pessoa no teu pensamento. Manda o endereço, o jornal lá vai têr. Assim como no caso de tantos, também este dirá bem, mais tarde, da pessoa que o deu por assinante. Essa pessoa, és tu. Não ha nada para selar relações como o bem espiritual. Aqui se encontram os verdadeiros amigos.

Espero mais assinantes. Quanto a devoluções, sim; porque não dizer a verdade? Ha muitas devoluções, d'aquelas listas que nos costumam enviar como assinantes prováveis. Muitos mandam embora. E' natural. Veem entrar pela porta dentro *mais um* dos muitos jornais que já recebem e mandam-no pela porta fora. Outros, não poderão de facto contribuir; ha familias, e muitas são elas, a quem um tostão faz falta, de apertados que vivem. Outros, ainda, podem cortar por largo, mas não teem tempo de ler, nem se lhes dá o problema social. Não o querem fazer um problema *seu*. Não querem tomar conhecimento, não venham a afligir-se e perder, com isso, a paz. Paz falsa.

Sim; é natural. Tudo quanto se põe no mundo em mercado livre, é necessariamente rodeado d'estas características: Compra quem quer e come quem gosta. Ora aqui temos a razão ultima das devoluções. Uma nota alegre: esteve hoje aqui um *caloteiro* de Santarém que veio de proposito riscar-se da lista d'elles. Com vista ós outros.



O' Snr. P.º Adriano estão ali *os ministros da terra!*

Não se ficou em palavras; veio o dinheirinho e os trabalhadores especializados iniciaram já o tratamento das árvores. Assim sim!

Que teria posto no papel, o Snr. Ministro?

* * *

Tivemos aqui o Ernesto às portas da morte. Uma infecção rebelde. O Médico fez tudo o que pôde para atalhar, mas tudo foi inutil, pois não dispunha de aparelhos nem medicamentos. Aconselhou o internamento imediato, no hospital.

Uma hora depois estava em Lisboa. Mas aqui começaram os trabalhos.

Um numeroso corpo de *clínicos* iniciou o estudo dos papeis para lhe descobrir a doença. O doente esperava. Bem me apeteia dizer que o Ernesto é que estava doente e não os papeis; mas, estamos no tempo deles, não se pode fugir daqui.

Vinte e quatro horas depois o doente começou a ser tratado. Perdeu já um dedo e não sei se ficará por ali. Quem me dera naquela altura uma palavrinha do Snr. Ministro da Economia. Mas ele não é médico...

Este e outros casos revelaram-nos a necessidade dum hospitalzinho bem apetrechado aqui na casa. Se Lisboa não quiser ficar a dever nada ao Porto, êle será uma realidade. Mas primeiro, um *Jeep*.

Casa do Gaiato de Lisboa

E' de lá mesmo que eu escrevo. Tirei uma hora ao meu tempo para este fim, e quero encher de vida todos os seus minutos. Pois cá estamos. Mais caras novas. Caras lavadas que andavam sujas pelas ruas. Uma destas, era o terror nas vielas de Lisboa, no dizer de quem se interessou. Todas as casas de assistência lhe fecharam a porta, com medo. E' faiscante, simpático, rasgado. Tomou logo posição de comando. Hoje, quando passava eu pelas camaratas, manhãzinha, ouvi-o dar leis! E' ajudante do cozinheiro. Falei-lhe. Tornei a falar.

— Então quando foges?

O detestado, levanta os olhos do serviço e exclama: *Nunca*. Tinha à sua frente um cesto de batatas, que descascava, e continuou a descascar. E' possível que assim não aconteça, mas naquele momento via-se a sinceridade no rosto do rapaz. *Nunca!* Como este, há mais cinco de Lisboa, que já deviam ter fugido para Lisboa, um por um. E não fogem! Pelo menos, até à data, não tem fugido!! Segrêdo?

A lareira. O trabalho de casa. O à vontade. Ali estão eles. Estão os coelhos e os patos e as galinhas e ovelhas, que um senhor da Chamusca nos veio trazer, pessoalmente. Mal sabe este senhor da Chamusca que, ao fazê-lo e sem saber o que fazia, em vez de ovelhas e patos trouxe mas foi as deliciosas cadeias com que se prendem os endiabrados da rua! Aquele se refere-se a eles, aos endiabrados. São eles que se prendem. E' simplesmente maravilhoso o poder que tem sobre estes rapazes a vida em família? Não se acredita. Eu mesmo, se não fôsse testemunha de vista, também não acreditava.

Uma palavrinha amiga a todas as Mesas dos antigos Asilos; é por amor destes rapazes que o faço. Não se trata de coisa nova que a Obra da Rua tenha implantado e pretende, agora, que os mais o façam. Não é. E' sim lembrar uma coisa velha. Família. A Família. Organização familiar. Tudo quanto seja hirto, massacra.

Outra notícia alegre: o povo do Tojal estima a nossa obra. Gosta dos nossos rapazes. Há dias, uma pessoa do lugar, sabendo que um deles estava de cama, quis e foi à cama do doente levar bolachas! Andam actualmente reclusos da Penitenciária por nossa conta, no trabalho da condução de águas.

A comida vai de cá, em grandes panelas, transportadas pelos rapazes. Pois bem. Dois homens do lugar, com prejuizo dos seus trabalhos, tiraram as panelas dos ombros dos rapazes e ajudaram!

Isto é maravilhoso. Isto cheira a piedade. A comida é para os presos da cadeia, levada hoje por pequeninos, para que amanhã o não sejam.. O povo do lugar do Tojal vê, sente, compreende, ajuda. Eu só digo: Bendito seja Deus nas suas creaturas. Já temos um campo de jogos dentro da quinta. Padre Adriano, convidou os rapazes do lugar a jogarem a bola no fim da missa dominical. Oh palavra! Já não chegam as salas do Palácio!! O Rádio explicou-me que o povo não vê o padre ó altar, de tanto que é!

Outra palavrinha, agora aos senhores dos Monumentos Nacionais. A igreja. Esta igreja arruinada. Encher aos domingos este templo. Seja pela bola, seja pelos rapazes, seja pelo que for, senhores engenheiros, e que nós queremos é pregar Jesus Crucificado.

Mais notícias alegres: o povo do Tojal compra e aprecia o nosso jornal. Veem aqui à porta por ele. Trazem a sua esmola. Viva o Povo do Tojal! Outra vez notícias boas. A questão da água. As eternas questões de água, que levam tanta gente ao banco dos réus, nesta terra, com a nossa, tudo correu tão manso como a própria água. Uma das principais bocas é no lugar de Pinteos. Ficava toda no povo, de há uns anos a esta data. Pois nós fomos ali, deixamos ao povo o anel que lhe pertence e conduzimos o resto para a nossa casa. Trata-se de água. A água que esteve por algum tempo no uso daquela gente, Ninguém se levanta! Ninguém protesta! O seu a seu dono. Torno a dizer: Bendito seja Deus no seu Povo! Nós vimos tão castigados de outras terras para esta, justamente por questões de água —tão castigadinhos! Padre Adriano e eu temos sido insultados, escarnecidos, ameaçados de morte! Trazemos na alma o baptismo de sangue. Aqui não.

Tenho pena de não saber rezar, dizia há dias ao Padre Adriano um homem daqui. Eu cá digo que eles rezam muito bem! Mais mal rezam os das outras terras aonde temos casas do Gaiato, e mais encham as igrejas ós domingos! Outra vez notícias alegres: O Conselho de Administração do *Lusalite*, votou dez mil escudos a descontar na conta geral dos tubos. E mais nada.

Outra carta

Mas não é só para dizer isto que venho roubar o tempo mas sim para lhe alvitrar uma ideia que já há que tempos se apresentou ao meu espirito e que considero boa. V. dirá de sua justiça. E' o seguinte: a maior parte dos rapazes das suas casas não tem familia ou é como se não tivessem e lembrei-me que para substituir essa familia e ajudar nas despesas que é preciso fazer, pelo menos vestuário, cada rapaz poderia ter uma madrinha que se responsabilizasse por essa despesa e trocaria correspondência com o afilhado auxiliando-o em tudo que pudesse. E' evidente que não faltariam senhoras que com todo o gosto assumissem essas obrigações e eu seria a primeira. Para que nisso não se metessem pessoas menos idoneas V. informar-se-ia junto dos párocos ou das autoridades civis o comportamento moral das pessoas que para isso se apresentarem. Parece-me que isto talvez aliviasse um pouco os seus encargos e que pela vida fora podia ser um amparo moral para os rapazes. Interesse-me profundamente pela sua obra e muitas vezes na Missa e Comunhão me lembro de si e dos seus pupilos pedindo a Deus que os ajude a todos.

Sim; é verdade. A maior parte dos nossos rapazes, não tem familia. Exemplo. Chegou o natal do ano passado. A festa da familia. Tinhamos 160 rapazes inscritos no livro e sentados à mesa cotidiana. Apenas um d'elles recebeu uma carta da mãe, e esta não tinha casa. Era uma creada de servir, que pedira a seu amos a graça de deixar ir ali o seu filho consoar. Eles disseram que sim e eu disse que não. D'aqui se infere que o natal dos nossos abandonados, seria de chuva e de frio, se não tivesse sido o que foi, como aqui, ao tempo, se relatou.

Eu contento-me com madrinhas espirituais. Eu acredito na comunicação dos santos. Havendo mãos postas e penitentes por esta obra, não faltará d'elas que se abram, mesmo que até ali tenham estado fechadas. Mais. Eu digo mais. Se a Obra da Rua vai à frente e se faz sangue nas almas, é absolutamente por via das almas que rezam e que sofrem por seu amor. Madrinhas, sim. Padrinhos, sim. Família espiritual. Domésticos do Senhor. O resto são materialices. Estou ainda hoje a vêr a cara d'um senhor, e já foi há um rôr de tempo; o chefe de uma comissão que quiz procurar-me, quando abrimos a Casa de Paço de Sousa, para dizer que mandaria rapazes do albergue, mas que só poderia dar cem mil reis por cada um. *Isso não presta;* disse eu. A cara d'ele, sim, ao compreender que a minha afirmação se referia ao dinheiro como dinheiro, e não àquela quantia de dinheiro!

— Isso não presta.

— Mas eu não posso dar mais.

— O dinheiro é que não presta, meu senhor.



Do que nós necessitamos

Foi no Porto. Descia eu rua abaixo na companhia do Julio, quando passamos por uma loja, aonde estava um anuncio da *Mabor*. Julio para e quer saber se o Morris não precisa de pneus. *Para já não,* disse eu. O rapaz ouve e acrescenta, a modos triste: *E' que eu conheço um senhor da Mabor. Ele é da familia do senhor das botas. São quatro pneus certos. Quando forem precisos, diga que eu falo com ele e tudo se ha-de arranjar.*

Escutei, assombrado! Rialmente nunca pensei ter dentro da obra um rapaz tão importante! Não conhecia o Julio como tal! Não o sabia tão bem relacionado! Vamos a vêr se é assim como ele diz. Quando tivermos necessidade de calçar o carro, é que a gente ha-de vêr a prova rial. Até aí não digo nada. Mais da Foz do Douro roupas. Mais do Douro, em tarifa, um sacco de roupas. Mais da Covilhã duas peças de fazenda. Oh riqueza! Não fossem estes senhores e como havíamos nós de vestir tantos e tantos nus que nos batem à porta,—como?! São os felizes cooperadores das obras de misericórdia. Uns dão o remédio, outros curam as feridas. Deante de Deus tanto valem uns como os outros. Na lição do Samaritano, um levantou do chão o ferido, outro curou-lhe as feridas, ambos usaram de misericórdia e receberam misericórdia. Mais 100\$00 de Casal delo. Mais de Algueres uma navalha com assentador para a *Loja do Piriquito*. Mais alpargatas de Valença. Mais notícias do Alentejo de que vem lá carne preparada e expedida para as

Notícias de Coimbra

por Carlos Inácio

Temos cá obras.

Já estão feitas as seguintes coisas: uma capoeira para as galinhas, um pombal para pombas, uma coelheira para coelhos, um pequeno tanque para os patos, um curral para um imundo, e agora vai-se fazer uma reparaçãozinha na casa.

Já temos coelhos, pombas, galinhas, patos, um cabrito, e agora falta um imundo.

De toda esta bicharada já temos ovos de pata e de galinhas e já tivemos uma criação de sete coelhinhos mas, por desgraça, morreram todos.

Cá o nosso cabritinho, de pequenino tem graça; só bebe pouco leiteinho, se ele morre, ai que desgraça!

Compramos uma chopeta para vêr se o cabritinho bebe melhor o leite.

—Recebemos uns chocolatezinhos dos meninos do do Liceu.

Souberam-nos tão bem!

Se quiserem para cá mandar mais, nós, de maneira alguma, não nos zangamos.

—Agora só há um humedecido; esperamos que este mesmo, também venha a ser corrigido.

O Camilo de Miranda, tem estado cá para ajudar as nossas obras.

Nas horas do recreio é uma tragédia porque ele às vezes não nos quer emprestar a bola dole e nós não temos nenhuma.

Tinhamos duas pequenas mas nós perdemos-las. Não é de admirar porque elas eram pequenas. Estamos sempre a vêr se chega mais alguma.

—O nosso batata já vai à escola. Mas o pior é barulho que ele para lá faz.

—Temos cá o José Clemente de Miranda por alcunha o pinguinho. Ele é ajudante da cozinha, mas a senhora tem que andar sempre a chamar por ele. Ele anda na 3.ª classe mas parece que não faz exame este ano.

—A venda do famoso cá vai cada vez melhor. Levamos ultimamente livros «Pão dos Pobres» e «Obra da Rua» dos quais ainda vendemos haatantes. Quanto aos jornais só nós vendemos quasi 300 e sobras quasi 100\$00.

—Nós, os maiores, temos cumprido as primeiras sextas-feiras dos meses. Vamos ao Seminário e pedimos para nos confessar e depois vamos à missa celebrada pelo Sr. P.º Baptista e comungamos.

—Eu também fui à desobriga apesar de me confessar todos os meses.

E com estas poucas e mal escritas palavras, termino a nossa crónica.



casas do Tojal, de Miranda e de Paço de Sousa. O porco vivo que veio de Quintas, diz bem da terra de onde veio e do trato que aqui lhe damos. Está um tal bicho.

Mais um *resolvi pedir a cada pessoa das minhas relações um lenço e o resultado ai vai*. E' uma loja d'elles! A força do interesse por uma causa! Se a causa é justa, todo o mundo lucra. Mais migalhas dos Empregados da Socony-Vacuum Oil de Lisboa, no montante de 875\$00. Isto todos os mezes! Isto é tirado á boca! Mais roupas do Douro. Mais uma cabra muito linda. A cabra emprega dois pastores; um de manhã outro de tarde. Filipe do Seixal, sim. Sim senhor. Está bom e recomenda-se. E' dos do campo e da escola nocturna. Quanto a fazer exame, duvida-se. E' um bocadinho porta. Uma coisa em que a gente fazia muito gosto, era um casal de pombos. Pombos correios seria o non plus ultra. Temos um lindo pombal, em sitio muito lindo, e os rapazes não me largam a porta, por pombos. Eles cuidam que o nosso jornal tem unhas! Alguma coisa que venha a faltar na casa, ai vem a sentença unanime: *Ponha no Gaiato*.

Mais roupas e roupas e roupas das cinco partes do mundo. Toalhas também. Ainda andam as toalhas na estrada!! Figos de um visitante. Tres ceiras d'elles. Oh merendas!

Mais sete alqueires de Feijões, de Paço de Sousa. Mais de Vizeu 300\$00 para amendoas. Este Senhor de Vizeu, sempre que se lembra da gente, e lembra-se muitas vezes, não nos põe em pouco. São sempre quantias grandes. E' feliz! Mais um vale de 241\$50 do Pessoal dos C. T. T. do Porto, *sobras de flores que compraram para homenagear a passagem da Santissima Virgem do Rosário*. E mais nada por ora. Mais nada alto lá. Ha mais alguma coisa, sim senhor. Ha o *passe* que eu tinha na C.P. e agora já não tenho. De graça mo deram, de graça mo tiraram. Não ha bem que sempre dure, diz o ditado. Regresso de novo à bilheteira e ós trocos e às bichas, e se perder o bilhete tenho de comprar outro como qualquer mortal. Ora aqui está.

Isto é a Casa do Gaiato

A GORA dá gosto entrar na cozinha. Sempre deu. A cozinha é o lugar mais apetecido. Por mais voltas que a gente dê e por mais recomendações que se façam à classe dos miudos, eles por nada arredam da porta da cozinha! Saem do refeitório e em lugar do recreio, vão de volta e plantam-se à porta da cozinha!! Não entram já se vê. Os cozinheiros enxotam-nos. Nem eles fazem por isso. Espreitam. Deleitam-se. E' a cozinha. Lá está o lume a arder, as panelas, as coisas que nunca enfadam e prendem cada vez mais. Porque é que estes rapazes, todos estes rapazes viviam nas ruas, porque? Por não terem cozinha. Só por isso. Mas deixemos estas singelas observações e vamos ao que importa. Dá gosto, hoje, entrar na nossa cozinha. Então quê? Nada. Galinhas botadas. Uma cuca. Duas amarelas. Uma da mesma cor, já com pintainhos. Ontem tive nove recados, de outros tantos que nasceram. Fui nove vezes à cozinha. E' o Bernardino

que olha pelas que estão no chôco e pelas que estão a criar. O Sapo não mete ali bico; êle só manda na capoeira. De mexidos e remexidos, os ovos não chegam todos ao fim. Não são as galinhas; elas mexem e remexem, sim, mas são tocados pelo instinto. Dá certo. O Bernardino é levado pela curiosidade e prejudica. De dez nove ovos que êle botou, saíram apenas nove pintainhos! Vamos a vêr quantos deles se salvam...

O NTEM saiu um da aldeia para um emprêgo no Porto; o Carlos Gonçalves. O doente, agora curado. Apareceu de mauhêsinha pronto a seguir, com duas malas.

— Duas malas?
— Sim.
— Que levas tu?
— Nesta levo a roupa e naquela brinquedos e Mosquitos.
Fiquei contente. Um rapaz a entrar na casa dos dezoito, que vai tomar conta

do seu emprêgo na cidade do Porto, e faz-se acompanhar dos seus brinquedos e dos seus Mosquitos, é sinal de saúde mental. Graças a Deus. Se tivesse ficado pelos sítios aonde em pequenino andava, quais seriam hoje, na idade em que está, os objectos da sua predilecção, quais?! Como êste, quantos? E' necessário que seja do povo uma obra que restitua ao povo os valores perdidos.

Outro caso semelhante. Foi no Lar do Porto. Estavamos à ceia. No fim, para-se. Um dos presentes, pede-me se pode escrever a mandar vir o Diabrete e o Papagaio. Quer fazer os seus recreios com estas leituras. Claro que pode. Eles podem mandar vir tudo quanto seja para um fim decente. Torno a perguntar; qual seria a leitura d'êste rapaz, se andasse pelos caminhos que outrora pisava?! Ele tem um irmão mais novo. Há tempos foi a casa e queixou-se: anda tão sujo! Dantes, andava ele assim ou pior, mas não via! Agora, que anda lavado, vê!

Mais outro caso: Veio aqui a mãe de um dos nossos. O filho aparece-lhe e exclama imediatamente: *Vá-se lavar que vocemecê vem muito suja.* Porque nota êle hoje o que dantes lhe parecia bem? O asseio que hoje goza. Nós não damos nada de novo ao rapaz da rua, quando êle chega às nossas casas, a não ser roupa. Roupa, sim, damos. Quanto ao mais, ele traz tudo consigo. Traz tudo dentro de si. Só que, nas ruas e vielas, desabrochava duma maneira e aqui em casa, desabrochava d'outra. Eis a diferença.

H OJE de manhã, a caminho da capela, entro na camarata dos pequeninos, enquanto eles faziam oração, presididos por um pequenino. Deixei-me estar e tomei parte. No final e como remate, ouve-se a voz do chefe: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!* Era uma voz de infante. A pronúncia era perfeita. A graça vem-lhe da inocência. A beleza, do próprio nome: Nosso Senhor Jesus Cristo!

Não é preciso ir mais longe para se compreender a suficiência da Obra da Rua. Tudo está resumido no assunto e na pessoa do pequenino pregador d'aquela manhã: Nosso Senhor Jesus Cristo! Ninguém saia deste nome, porque tudo quanto fóra d'Ele se procura, é errado. E' preciso regressar às fórmulas simples e eternas.

E NTRÉ as encomendas que se retiraram do Depósito, vinha uma caixa que eu abri. Eram dois pares de olhos. Olhos enferrujados. Como na maré estivesse ao pé de mim um dos pequenos, não perdi mais tempo e dei-lhos. O que fui fazer! Daí a nada, sabia-se em toda a aldeia dos olhos e todos queriam os olhos. Tenho pena de fazer a comunicação desta desordem, mas a verdade é que eu também não fazia conta com ela. Agora já compreendo como é que no tempo das praias, andam por lá muitos menino e muitas meninas de olhos de vidraça. Já compreendo. São olhos.

O Batata Nova, foi ós moletes da mesa dos senhores! Tudo quanto seja de lamber corre perigo. Aonde estiver o Batata, aí o perigo. Os moletes estavam no armário, à conta do refeitório dos senhores. O lambareiro espertou, abriu a gaveta e pronto! O alarme não se fez esperar. O primeiro grito foi do refeitório. Estava em causa a sua obrigação. Batata, compareceu no tribunal.

Crónica da Nossa Aldeia

1 O Piriquito anda sempre a dizer para o rapaz do correio por que é que ele não traz o Stadium.

A resposta do Armando é sempre a mesma e diz que não viu.

Por isso mais uma vez pedimos a V. Ex.^{aa} que mandem o Stadium para o Piriquito que até anda desanimado. Dantes de Campanhã mandavam sempre o Stadium mas agora não mandam não sabemos porquê. Não se esqueçam do Piriquito que tantas vezes é falado no "atómico".

2 A galinha continua a ir todos os dias ao seu posto de observação e todos os dias encontramos um ovo. Um destes dias lá estava um ovo e nós fomos lá buscá-lo e às tantas lá foi o ovo, partiu-se e foi o que nós quisemos. Foi-se logo buscar um pires, pedimos um bocado do açúcar e comemos todos cinco um ovo só.

3 O Armando, ou seja, o "Tobias", tomou o encargo de estar ao pé dos rapazes que vão fazer os curativos logo de manhã cedo. E' preciso estar um rapaz a tomar conta porque então todos os dias é um vidro partido.

Mas agora está lá o "Tobias" e aquilo está melhor um bocado.

Mas o pior é que o Tobias um destes últimos dias partiu um vidro e agora vamos ver.

4 O Senhor professor Madureira tem estado um pouco doente e por isso ficou em casa.

No primeiro dia em que o Sr. Madureira não veio o Mãizinha ia todo contente para a escola, mas que ia fazer o Mãizinha se não havia escola para ele?

Uns disseram-lhe logo: ob Mãizinha não há escola. Oh, e eu quero lá saber uma vez que para mim tem que haver deia lá por onde der. Não há Mãizinha nem o Sr. Madureira veio. Ai isso não interessa que venha ou que não venha, e o Mãizinha lá foi para baixo.

O Mãizinha estava tão interessado a ir para a escola porque era para jogar óquei nos corredores da casa velha. E' que agora na casa anda tudo com paus a fazer de setiques e a bola é uma muito grande que pesa dois quilos ou talvez mais e aquilo quando vai às canelas é qualquer coisa. E eis o motivo porque é que o Mãizinha queria ir à escola que ele até vontade não tem nenhuma mas como era para brincar lá foi.

5 Os leitores lembram-se de eu lhes falar sobre os assinantes? Uma Senhora escreveu ao Pai Américo e a carta dizia o

seguinte: Tem muita razão na observação que fez no último número o eronista da aldeia quanto à falta de ordem e de método dos subscritoras.

Não era para mim mas eu enfiei a carapuça e servia-me lindamente... Por isso aqui estou Sr. Administrador a dizer o "mea culpa". Mais uma vez digo aos assinantes do atómico que quando quiserem pagar não se esqueçam do verbete que acompanha o jornal.

Ora aqui está. Não é queijo; os senhores é que se esquecem.

6 Agora já os Senhores podem dizer que nós comemos queijo. Foi há meia hora que eu cheguei do correio de Cete com uma encomenda e por fora dizia: contem queijo.

Quando cheguei à Aldeia já estava tudo na mesa, cheguei à mesa dos Senhores e disse ao Pai Américo: queijo para os administradores. O Pai Américo abriu a encomenda e,

oh! ilusão das ilusões a caixa que trazia os queijos era uma caixa de gias das escolas e vinha cheia de sarrim e não de vários queijos. Começou-se a procurar e demos logo com um bilheta que dizia assim: chora que logo mamas — diz que era um ditado. Depois começamos a procurar os queijos que era isso o que nos interessava e lá demos com os queijos pequeninos enrolados em dois pacotes e toca a repartir. Dois comeram logo tudo e os outros dois ainda guardaram. Agora já se podem gabar que nós comemos queijo mas não se gabem muito porque isto foi muito pouco. Se quiserem gabar-se a valer é mandar para cá mais queijo que nós damos-lhe remédio. Obrigado à Senhora daa Caldas da Rainha que mandou os queijos e quanto às outras coisas que tem mandado tem chegado tudo às nossas mãos. Obrigado.

Alfredo.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

I — Sempre valeu a pena pedir uma bola. Já temos duas e ambas oferecidas. Uma delas foi-nos mandada pelos seminaristas dos Olivais. Bem beijam os senhores priores. A outra foi oferecida por um Senhor que sempre que cá vem nos traz algumas coisas. Trouxe uma galinha com vinte pintos, uma bomba para a bola e um oratório e muitas assinaturas. Os pintos intertêm-se o dia inteiro a catar as pulgas das nabiças com toda a energia. Já não pedimos redes nem equipes porque um senhor do Porto vai mandar tudo. O rádio é que ainda falta.

II — Temos cá um pequeno de Bucelas que vai em quatro anos, não tem pai e a mãe foi para o hospital do Rego, tuberculosa. Como não tem família nenhuma o dono dum restaurante de Bucelas veio acompanhá-lo até aqui. O pequeno é muito lindo e muito esperto. Todos gostam dele. Alguns chamam-lhe o príncipe, outros chamam-lhe anjinho porque o nome dele é António dos Anjos.

III — Como estamos perto do campo da Portela de Sacavém passam aqui muitos aviões. Um dos miudos tem a paixão de andar de avião. Já fugiu uma vez a direito ao campo mas o rio levava uma grande cheia e teve de voltar para traz. Aqui há dias estavam dois gaiatos dos novos a combinar como é que haviam de andar de avião. Dizia um: vamos deitar aquele avião abaixo à colhoada e depois já andamos à vontade.

— Não — respondeu o outro muito depressa.

— Porquê?

— Porque vamos presos para o Limoeiro.

— Então — responde o outro — vou fazer um avião, vou aterrar no Rossio para ganhar muito dinheiro.

Já fez um de ripas, mas falta-lhe o melhor, não vôa.

IV — Vão chegando mais coisas.

Um Senhor da Chamusca que cá tinha vindo aqui há tempos, gostou tanto da casa que voltou cá e deu-nos dois cordeiros, três galinhas e um casal de patos, cá no Tojal já nos deram seis coelhos, um galo e duas galinhas. Logo nos primeiros dias os patos desapareceram. Andamos uma manhã todos atrapalhados à procura dos patos de que muito gostamos. Dizia um: naturalmente foram para o rio Trancão; desmanchava outro: foram mas é para o trigo, até que por fim foram à procura deles, pelo lugar, e acharam-nos no largo onde pára a camionete. O pernas de girafa mais o frigorífico voltam dizendo que os patos estavam a comprar o bilhete para irem para Lisboa!

V — A venda do jornal nesta casa começou com cinquenta, pois já vai em trezentos. Só cá no Tojal o Octavio vende 50 e não se cança muito e o pessoal gosta muito de o ver a vender o famoso. Ele não precisa de fazer muito reclame porque quando já está todos à espera dele para comprar. O' Octavio olha que eu sou

freguesu. O roxinol vai a Bucelas e vende tudo. Este por sua vez tem uma senhora amiga que lhe ensina aonde é que podem comprar. A Loures tem ido o Mário. Também lá encontram um senhor engenheiro que lhe disse a quem havia de ir e assim despachou tudo.

VI — O Senhor Inspector das cadeias deu nos vinte presos para abrirem as valas para a canalização das águas que nos pertenciam e que andavam perdidas. O Pai Américo resolveu pôr a água por baixo do chão porque o aqueduto está muito velho e muito sujo. Já vieram os canos de lusalite e também a factura que importa em 51 contos.

Nós fazemos a comida e vamos levá-la num carrito de mão. Quando lá chegamos com a comida os presos ficam logo todos contentes e pedem aos guardas para nos virem ajudar. Um deles dizia assim: quem dera que este serviço duras e muito tempo para não estarmos na cadeia. Outro dizia assim ao Carlota de Coruche: Vocês vão na cantiga dos padres? *Mais vale ir nessa do que noutras!* respondeu ele. Pois claro a doa padres não leva ao Limoeiro.

Enquanto eles estão a jantar, estão sempre a perguntar coisas, donde ou era e como é que eu tinha vindo para aqui. Apetecia-me perguntar-lhe como é que ele tinha ido parar ao Limoeiro.

Pedro João.

P. S. — Já temos um rádio.